DA HISTÓRIA DO LEITOR À HISTÓRIA DO ATO DE LER

Carlos Leonardo Q. M. Duarte[*]

MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1999; 408 páginas.

Em uma época na qual predominam as imagens, o ato de ler é importante? O que se perde ao ler um livro traduzido ? A censura aos livros é um utensílio legítimo para impedir que determinadas idéias se disseminem? Questões como essas são abordadas pelo erudito ensaísta argentino, naturalizado canadense, Alberto Manguel em seu livro intitulado "Uma História da Leitura", que surgiu da tentativa do próprio autor de escrever um ensaio, mas que, tempos depois, dispôs-se como uma narração de *uma* história da leitura, uma vez que *a* história da leitura é feita, alerta Manguel, de percepções privadas e circunstâncias particulares. Nesse livro, repleto de histórias e curiosidades, Alberto Manguel, cuja erudição ao falar de séculos de história é filtrada por uma vivência pessoal intensa, aborda, primordialmente, a leitura sob as mais diversas perspectivas – da iniciação à literatura à relação do texto escrito com as imagens e as novas tecnologias – e, através da clareza do texto, parece ansioso para compartilhar informações, perspectivas e modos de sentir o ato de ler.

Inicialmente, Manguel revela a sua história da leitura, salientando, primorosamente, os gestos, a arte e o prazer provenientes das leituras de alguns ilustres leitores, tais como Aristóteles, que lia, languidamente, pergaminhos desdobrados em seu colo; Charles Dickens, que recitava trechos de seus romances para um público que o venerava e Jorge Luis Borges, que, cego, apertava os olhos para melhor

[*] Aluno de Letras da UFPB - CAMPUS II

escutar as palavras de um suposto leitor. Reconhecendo-se nos hábitos desses ilustres leitores, Manguel afirma que, após ter visto inúmeras vezes as letras correspondentes a determinadas gravuras, descobriu aos quatro anos de idade, quando decifrou o significado das letras de um esquecido cartaz, que podia ler. Sabiamente, o ensaísta descreve essa magistral descoberta: "Foi como adquirir um sentido novo, de tal forma que as coisas não consistiam mais apenas no que os meus olhos podiam ver, meus ouvidos podiam ouvir, minha língua podia saborear, meu nariz podia cheirar e meus dedos podiam sentir, mas no que o meu corpo todo podia decifrar, traduzir, dar voz a, ler." (p.18).

Engana-se quem pensa que a história da leitura do ensaísta resume-se a essa brilhante descoberta. Quando tinha dezesseis anos, Manguel, trabalhando em uma livraria em Buenos Aires, viu entrar pela porta, acompanhado de sua mãe, um homem cego, já de idade avançada, que havia encomendado uma obra esquisita - um dicionário de anglo-saxão. Todos conheciam o homem: era Jorge Luis Borges, um dos mais importantes escritores do continente latino-americano e, para muitos, um dos mais importantes do século. Borges, após ter sido atendido pelo então jovem argentino e já se preparando para ir embora, resolveu fazer-lhe uma proposta que, indiscutivelmente, marcou-lhe como leitor e como escritor e, decisivamente, deu-lhe o embrião de "Uma História da Leitura": que tal se nas horas livres o rapaz fosse até sua casa, para ajudá-lo com os textos que ele não podia mais enxergar? Nos dois anos seguintes, foi exatamente o que aconteceu. Sobre o tempo em que leu em voz alta para Borges e, segundo confessa, para si mesmo, Manguel revela que, ao falar de literatura, Borges, através dos seus eruditos e indispensáveis comentários, o fazia de modo tão apaixonante que era impossível ficar alheio àquela paixão. Então, confirmando sua paixão pelo ato de ler e pela literatura e, concomitantemente, encerrando gloriosamente a sua história da leitura, Alberto Manguel desabafa: "Jamais tive a sensação de apenas cumprir um dever durante minhas leituras para Borges; ao contrário, era como

se fosse uma espécie de cativeiro feliz. Eu estava disposto a ser usado". (p.32).

Engatando histórias e anedotas que saltam os séculos e embaralham os conceitos para dar conta da riqueza da leitura, Alberto Manguel passa, ambiciosamente, da sua história de leitor à história do ato de ler, constituindo assim um esboço de investigação do complexo mecanismo da leitura - que conjuga visão, memória, abstração e inteligência. Dessa forma, vários estudiosos, teóricos e pesquisadores antigos são analisados pelo ensaísta, tais como Epicuro, que, no século IV a.C., acreditava que películas finas de átomos fluíam da superfície do objeto e entravam nos olhos, originando, assim, a teoria da "intromissão" ; Euclides, que ainda no século IV a.C. , destacou que dos olhos do observador saíam raios para apreender o objeto observado, opondo-se, dessa forma, a Epicuro e originando a teoria da "extromissão" e Aristóteles, que, décadas antes, antecipando e corrigindo Epicuro, afirmou ser o olho uma espécie de camaleão, assumindo a cor e a forma do objeto observado e transmitindo essas informações para as todo-poderosas entranhas *(splanchna)*, ou seja, uma enorme quantidade de órgãos que incluía coração, fígado, pulmões e controlava os movimentos e os sentidos. Uma quarta alternativa para uma compreensão do ato de ler, destaca Manguel, foi apresentada, seis séculos mais tarde, pelo médico grego Galeno, que propôs, contrariando os ideais aristotélicos, que o observador desempenha um papel ativo no processo da leitura e a raiz da qual nascia a visão estava no fundo do cérebro. Porém, uma questão fundamental continuava sem solução: é o leitor que se estende e captura as letras em uma página, tal como as teorias de Euclides e Galeno? Ou são as letras que vêm ao sentido humano, como afirmaram Epicuro e Aristóteles?

Ainda tentando descrever o ato da leitura, Manguel recorre aos ideais de outros estudiosos, como o gênio italiano Leonardo da Vinci, o sábio egípcio al-Haytham e o erudito inglês Roger Bacon, além dos modernos estudos de neurolingüística (relação entre cérebro e lingua-

gem). Contudo, os estudos apontaram para uma curiosa unanimidade: o homem ainda está longe de uma concreta resposta/definição para o processo que envolve a leitura, ou seja, os homens lêem sem uma satisfatória definição do que, verdadeiramente, estão fazendo. Salienta Manguel que a única conclusão plausível a que chegaram esses estudiosos consiste no fato da leitura não se constituir como um processo que possa ser explicado por meio de um modelo mecânico, mas, sobretudo, como um processo que depende da capacidade humana de decifrar e fazer uso da linguagem.

Nessa perspectiva, Alberto Manguel, minimizando parcialmente os efeitos da atual época imagética, classifica a cultura hodierna que supervaloriza as imagens como superficial, ao contrário dos fatos ocorridos na Idade Média e na Renascença, períodos também marcados por uma forte imagética, mas que, em momento algum, eram superficiais. Sendo assim, o ensaísta Alberto Manguel, corroborando que as imagens captam a atenção por poucos instantes e, conseqüentemente, não permitem uma reflexão/interpretação, acredita, lucidamente, que a palavra escrita é, verdadeiramente, o principal e indispensável utensílio do qual dispõe o homem para uma compreensão do mundo. Destarte, Manguel, explicando que os atuais livros derivam dos pergaminhos e estes, das tábuas, e que o formato desses próprios livros permite carregá-los, folheá-los sem qualquer esforço, expõe, claramente, sua consciente opinião sobre a temível relação entre leitura e tecnologia: não consegue ver confiabilidade e/ou durabilidade nos aparatos tecnológicos. Para melhor explicar toda essa desconfiança, o ensaísta argentino observa que, enquanto as palavras impressas no papel são tangíveis e de alta durabilidade, um computador, por exemplo, se mal comandado, pode colocar a perder toda uma produção intelectual. Além disso, lembra ironicamente Manguel, quando se fala em ler um livro, usam-se metáforas gastronômicas, tais como "*Devoramos um livro*" ou *"Saboreamos um texto"*. Já em relação ao computador, continua Manguel, surgem expressões como "surfar na internet" ou "escanear

um texto", confirmando, definitivamente, que é impossível interiorizar o texto que aparece na tela luminosa. Brilhantemente, o ensaísta argentino finaliza seu comentário: "Por mais que os leitores se apropriem de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa. O mundo, que é um livro, é devorado por um leitor, que é uma letra no texto do mundo; assim, cria-se uma metáfora circular para a infinitude da leitura. Somos o que lemos." (p.201).

Após discorrer, preponderantemente, sobre os aspectos mais gerais e conseqüentemente, mais discutidos do processo da leitura, Alberto Manguel aborda, caprichosamente, dois fatores, não menos importantes, que estão intrinsecamente vinculados ao texto escrito: a tradução e a censura. Ao comentar, com bastante perspicácia, as traduções realizadas pelo alemão Rainer Maria Rilke dos poemas da francesa Louise Labé, bem como as várias traduções as quais o Livro Sagrado foi submetido, o ensaísta argentino Alberto Manguel demonstra um enorme temor quanto às traduções, pois, segundo acredita, um livro, ao se configurar na língua em que foi escrito, tudo perde ao passar de um idioma para outro. Ainda sobre o processo de tradução, Manguel esclarece:"Qualquer tradução é necessariamente *diferente* do original, pois pressupõe que o texto original seja algo já digerido, despejado de sua frágil ambigüidade, interpretado.É na tradução que a inocência perdida depois da primeira leitura é restaurada sob outra forma, tendo em vista que o leitor se defronta mais uma vez com um texto novo e seu mistério concomitante. Esse é o paradoxo inescapável da tradução, e também sua riqueza." (p.306). Quanto ao processo de proibição da leitura, Alberto Manguel consegue ser ainda mais sutil. Detalhando as sofridas e inacreditáveis histórias de escravos que, na incansável busca pela liberdade, tentavam aprender a ler e lembrando, com bastante sarcasmo, das ações da Igreja Católica e do seu *Index Librorum Prohibitorum*, bem como do primeiro censor que se tem conhecimento, o intolerável Anthony Comstock, o erudito ensaísta parece ansioso em demonstrar que, como nenhuma outra criação

humana, os livros têm sido a maldição das ditaduras e acrescenta, oportunamente, que a história do livro sempre caminhou lado a lado com a censura. Rindo dos regimes autoritários, o ensaísta argentino acredita ser uma enorme tolice banir determinados livros, pois esses, inesperadamente e independentemente de seu conteúdo, voltam de uma ou de outra forma. Porém, esse deboche de Manguel cessa na medida em que ele percebe que nem todos os poderes do leitor são iluminadores. Temeroso, o ensaísta finaliza: "O mesmo ato que pode dar vida ao texto, extrair suas revelações, multiplicar seus significados, espelhar nele o passado, o presente e as possibilidades do futuro pode também destruir ou tentar destruir a página viva." (p.322-3).

A agradável leitura do livro "Uma História da Leitura" é assegurada, sobretudo, pela abordagem de todos os aspectos essenciais ligados ao ato de ler: do formato e do material com que eram feitos os textos (pedra, argila, papiro, pergaminho e papel) aos rituais de relacionamento com os escritos sagrados e , principalmente, das obras clandestinas à postura física do leitor. Após a prazerosa leitura dessa brilhante obra do erudito Alberto Manguel, nós, leitores, somos obrigados a discordar do próprio ensaísta argentino, para quem não há hierarquias absolutas no campo da leitura. Há, sim! E, certamente, "Uma História da Leitura" é leitura canônica para aqueles que integram a anônima comunidade das pessoas que *gostam* de ler.

SÃO FRANCISCO SEGUNDO SARAMAGO*

João Damasco M. Braga

Saramago, José. A segunda vida de Francisco de Assis. In: *Que farei com este livro?* São Paulo: Companhia das Letras,

A Segunda Vida de Francisco de Assis é um texto para teatro, para uma peça de dois atos. Os personagens são Francisco de Assis, seus pais e seus antigos companheiros e colaboradores mais próximos.

O autor imagina uma volta do santo dos pobres e seu reencontro com os líderes da Ordem que fundara, agora transformada numa empresa comercial. No início do primeiro ato, o Conselho da "Companhia" está reunido num ambiente empresarial, modernamente aparelhado com recursos de telecomunicações e informática. Discutem resultado de sondagens que apontam "redução de influências da empresa". Segundo estas pesquisas, a maioria das pessoas considera insatisfatório o produto comercializado, enquanto que outras imputam o insucesso à incompetência dos agentes (ou vendedores). Decide-se pelo treinamento destes, por não se poder melhorar o produto.

Numa outra cena, Pica, mãe de Francisco e agora chefe das secretárias, encontra o filho, que acaba de retornar, sentado na cadeira de Elias, o presidente. Confunde-o inicialmente com este. Francisco surpreende-se e indigna-se ao saber que sua Ordem agora é uma empresa capitalista. Após confrontos de idéias, em particular a volta dos desentendimentos com seu pai, Pedro, que é o gerente da Companhia, Francisco consegue ser readmitido nesta, mais pela consideração dos pares a sua condição de fundador, sem, contudo, recuperar a posição

* Esta resenha é adaptação de trabalho escolar feito na disciplina PLPT-I, no Curso de Licenciatura em Letras, UFPB/CH, período letivo 00.1, com supervisão da Profa. Maria Augusta G. de Macedo Reinaldo.

de Chefe. Designado responsável pelo treinamento dos agentes, planeja sabotar a empresa e mesmo destruí-la para recomeçar tudo.

Segundo ato. Elias toma conhecimento da estratégia de Francisco – distribuir entre os agentes cópia reeditada do estatuto da Companhia, a antiga Regra. Percebendo o teor subversivo e o poder destruidor desse plano, denuncia-o ao Conselho, que decide manter Francisco na Companhia, porém isolado, inerte, com proibição de que qualquer ordem sua seja cumprida. Ao final, surge outro Pedro, representante dos pobres, para ser ouvido, o qual surpreende e convence Francisco dos seus erros quanto a defender a pobreza ao invés de lutar por eliminá-la. Francisco retoma o nome de João, que era o seu verdadeiro, e vai embora, a fim de começar sua nova luta – desta vez, contra a pobreza.

Saramago faz nesta obra uma instigante e criativa releitura da história; numa perspectiva marxista, tece críticas à Igreja Católica, à sua ideologia e, em particular, às idéias e à práxis franciscanas. O texto é riquíssimo em simbologias e em metáforas. Denso. Em cada frase, quase em cada palavra, a precisão, a erudição, o talento, a lucidez do intelectual combativo, a mordacidade, a ironia e, às vezes, o incômodo de opiniões que a muitos forçosamente soam heréticas.

O catolicismo e a tradição cristã são alvos primeiros, como o seriam em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Um dos conselheiros da empresa considera que não têm (a Igreja Católica ou a Ordem franciscana) "qualquer possibilidade de fabricar um produto melhor", tendo sido atingido há muito tempo o nível mais alto possível de qualidade e não podendo os publicitários fazer milagres ou repeti-los sempre. Na referência óbvia aos milagres do cristianismo, o sentimento de orfandade que ironicamente o autor associa a suas reflexões sobre a condição humana. Da mesma forma, quando entra o Pedro dos pobres e Pica pensa tratar-se do pai de Francisco, e este diz "Não é ele, mãe. Seria a primeira vez que, tendo chamado meu pai, ele viria". Crítica contundente, alfinetadas mais alfinetadas, por exemplo, quando um

membro do Conselho fala enfaticamente que os produtos são vendidos (e não doados). Pungente, noutro momento, a indagação materialista "Que faria esta mãe com o espírito do seu filho?"

Há referências recorrentes a um poderoso elemento simbólico que representa, com certeza, um belo recurso plástico numa encenação. Trata-se de um conjunto de cabides nos quais os conselheiros penduram seus hábitos após as reuniões. Um dos cabides, vazio, mais alto do que os demais, é reverenciado por todos: a idéia proverbial de que o hábito faz o monge e o sentimento de que a igreja vive do passado. Critica-se, também, a hipocrisia dos que se apressam em tirar seus hábitos ao fim de uma reunião de trabalho, ou reverenciam (um cabide, uma cruz), mesmo discordando.

São inúmeras as alusões ao texto bíblico, como na cena em que a mãe, por um momento, confunde o filho com Elias. Aqui, o diálogo com várias situações nos Evangelhos em que algumas pessoas não reconhecem de pronto o Mestre, quando aparece depois de morto. Ou quando, vivo ainda Jesus, os apóstolos dizem que não se sabe ao certo de quem ele se trata, pensando alguns, por exemplo, que seja o profeta Elias.

A intertextualidade não se dá só com relação à Bíblia. O livro começa com o mencionado debate entre os membros do Conselho sobre as causas do insucesso da Companhia: seriam estas problemas com o produto ou ineficiência dos agentes? No Quinhentismo brasileiro, Vieira abordou questão semelhante. No "Sermão da Sexagésima", em que discute a arte da oratória sacra, e utiliza como ponto de partida a "Parábola do Semeador", afirma que, se a semeadura não dá resultados, é por uma dessas três causas: problemas com a própria Palavra de Deus, com os ouvintes ou com os pregadores; demonstra Vieira que os maus pregadores são os culpados.

"Tenho medo de vencer-te por me haver transformado naquilo que és" – assim Francisco se dirige a Elias, que responde: ..."esse medo"... "seria uma razão para aceitar. A luta passaria a ser entre

pessoas iguais (não entre opiniões contrárias)". São expressões mais ou menos textuais de alguma fonte oriental, que investir contra o adversário "onde ele é fraco não leva adiante a luta" e que "o verdadeiro combate consiste em atacá-lo onde é forte". Esta sabedoria, a de que vitória sem dificuldade não tem valor ou consistência, é reeditada nas seguintes palavras dirigidas por Clara a Francisco, quando este consegue facilmente ser readmitido na Companhia: "Não precisaste de lutar para teres a cadeira que querias. Começou já a tua derrota".

Trechos profundos e inquietantes são aqueles nos quais o representante dos pobres se queixa a Francisco: "Tu tornaste-te pobre para poderes ganhar o céu, e nós, que pobres fomos e pobres continuamos a ser, nem a terra conseguimos conquistar. Nenhum pobre te agradeceu quando abandonaste as riquezas de teu pai". Depois, ... "ao louvares a pobreza, afirmaste a bondade do sofrimento dos pobres. Este é o pecado de que nenhuma absolvição te lavará".

Estes conceitos se relacionam com as longas e apaixonadas discussões medievais sobre pobreza, inclusive sobre a essência e a natureza da pobreza de Cristo e também, por outro lado, com o mundo que vivemos. Na manifestação destas idéias sobre a pobreza e sobre o tratamento que lhe costuma ser dado, e nas reflexões de todo o texto, sobressai a voz do escritor inconformado com a hipocrisia e com a cegueira intelectual do nosso tempo – à qual se refere metaforicamente no *Ensaio sobre a Cegueira* –, a voz militante que ecoa a causa dos injustiçados e dos oprimidos – como se elevou recentemente em solidariedade ao Timor Leste –, bem como a revolta contra os que se omitem, contra o silêncio dos que se calam tendo opinião.

Constituem um aspecto relevante quanto à intertextualidade as referências repetidas ao nome das pessoas e das coisas, ao cuidado que se deve ter com os nomes e à relação entre o nome e o ser nomeado. Em parte, isto remete a discussões que vêm desde a antiguidade clássica. Considerando, todavia, que as críticas do livro aqui analisado se dirigem principalmente ao catolicismo, percebe-se o diálogo direto com as idéias de Althusser. O filósofo marxista, ao abordar, em seu livro *Aparelhos Ideológicos de Estado* [1], a tese de que a "ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos" e tratar da ideologia religiosa cristã, dá um exemplo baseado justamente na nominação dos indivíduos.

São muitas as afirmações, implícitas ou explícitas, da importância das palavras. A estratégia de Francisco para destruir a Companhia consistia em lembrar aos agentes a Regra antiga. A tática pretendida de se usar o estatuto que continuava em vigor, mas cuja interpretação original era considerada subversiva pelos dirigentes, tem analogia à das insinuações cifradas e escondidas por trás de determinados textos. Temos, portanto, relação com aspectos da teorização da explicitação de sentidos, como habilidade necessária para o processamento de sentido do texto no nível implícito. A importância e o poder do que se diz e se escreve, a polissemia, a mudança de significados e a relatividade das palavras, a necessidade do uso consciente e responsável das mesmas, são constantemente enfocados, constituem tema central nesta obra.

Há ainda expressão de profunda e bela sensualidade no reencontro de Francisco e Clara, relacionada justamente com o uso da palavra e da nomeação do interlocutor. Momento que por si só justifica a leitura do texto.

Funções lúdicas da Literatura transparecem também e tão bem nos jogos de palavras arquitetados por Saramago, como vemos no seguinte trecho: "Tu não és um comum mortal". "Que sou então? Um mortal raro, ou um imortal comum?"

Ao final, Francisco, derrotado (ou vencedora a esperança!), vai enfim recomeçar sua luta, numa perspectiva diferente. Neste momento, mais uma prova da importância dada à palavra no texto resenhado – palavra

[1] Althusser, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 6ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 1992.

confundindo-se com ação e com vida, aparece em sua última frase, pronunciada pela mãe de Francisco: "Vou ajudar João a escrever a sua primeira página"